

História e Política:

Pensamentos
constitutivos
e críticos



2

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2022

História e Política:

Pensamentos
constitutivos
e críticos



2

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti
(Organizadoras)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História e política: pensamentos constitutivos e críticos 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadoras: Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História e política: pensamentos constitutivos e críticos 2 / Organizadoras Denise Pereira, Karen Fernanda Bortoloti. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-952-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.520221802>

1. História. I. Pereira, Denise (Organizadora). II. Bortoloti, Karen Fernanda (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Ao olhar ingênuo a aproximação entre história e política pode parecer tácita, uma vez que é comum dizermos “história política” de um país, por exemplo, todavia não o é. Ao longo do tempo existiram momentos de aproximação, em busca de explicações e apoio, mas também períodos de estranhamento. Alguns pensadores chegaram mesmo a referendar, a partir da História das Ideias, que o pensamento político compunha um mundo à parte, no qual os filósofos debateriam entre si, mesmo distantes no tempo e no espaço.

A distinção entre história, como disciplina e método, e histórico, como característica de processos e práticas que acontecem no tempo e no espaço, não é apenas um recurso para ressaltar extensão da articulação entre história e política. Para além da separação proposta por Weber entre singularidade e generalização, que diferencia analiticamente a causalidade histórica da sociológica, forjou-se um vocabulário que contaminou certos segmentos da ciência política como, por exemplo, tempo, conjuntura, contexto, evento e sequência.

Nos últimos tempos observamos, no Brasil, a aproximação entre História e Política têm recebido uma expressiva revitalização. Observamos, e a obra que temos em mãos é um bom exemplo, um diálogo interdisciplinar mais amplo nos trabalhos específicos da área.

A necessidade deste diálogo para a formação dos pesquisadores das duas áreas e, porque não, para o público em geral, é importante para a compreensão da realidade que nos circunda. Não podemos esquecer que toda a ação política ocorre em um espaço de experiências, construindo e interferindo nas memórias, nas formas de pensar, nas instituições que constituem as comunidades.

Como nos ensinou Hannah Arendt, a política é uma necessidade imperiosa para a vida humana e, ainda maior para a sociedade, sendo, portanto, uma das funções da política garantir a vida dos indivíduos. Como necessidade dos indivíduos, a política interfere na existência e na convivência, cabendo a história elucidar como instituições, partidos, processos eleitorais, já que a nossa democracia é representativa, foram pensados e tornados possíveis em determinadas condições de tempo e espaço.

Assim, é de suma importância que a relação dialógica entre a História e a Política sejam mantidas e aprimoradas de forma prospectiva para a melhor compreensão da sociedade sobre ela mesma, para o entendimento das transformações sócio-históricas, das formas de pensamento.

Esperamos que as leituras destes capítulos possam ampliar seus conhecimentos e instigar novas reflexões.

Denise Pereira
Karen Fernanda Bortoloti

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“EMISSÁRIOS E SEUS VERTIGINOSOS PLANOS”: A AÇÃO DE LIBERAIS REPUBLICANOS NA REVOLTA DOS MATUTOS (PERNAMBUCO – 1838)	
Manoel Nunes Cavalcanti Junior	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218021	
CAPÍTULO 2	11
A ARTICULAÇÃO ENTRE CIDADE E SUBJETIVIDADE NA LITERATURA URBANA PÓS-MODERNA	
Felipe Dias Ramos Loureiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218022	
CAPÍTULO 3	25
A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DA PARAHYBA DO NORTE: ESTADO, INTERVENÇÃO LEGISLATIVA, EDUCAÇÃO E SOCIEDADE (1928 – 1930)	
Roberto Jorge Chaves Araújo Jean Carlo de Carvalho Costa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218023	
CAPÍTULO 4	46
A CONCEPÇÃO DA DOCTRINA REFORMISTA DA IGREJA MEDIEVAL A PARTIR DE ARNALDO DE VILANOVA (SÉCULO XIV)	
Nabio Vanutt da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218024	
CAPÍTULO 5	56
A COOPERATIVIZAÇÃO SOB O REGIME DO KHMER VERMELHO (1973-1979)	
Jorge Arbage	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218025	
CAPÍTULO 6	67
ANÁLISES DE EXPERIÊNCIAS NA PRÁTICA DO ENSINO DA HISTÓRIA E CULTURA AFROBRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA ENTRE ESTUDANTES NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO	
Fabiano Brito Dos Santos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218026	
CAPÍTULO 7	80
CONFISSÕES DA MADONNA: A HISTÓRIA DE UMA VÊNUS FEITA ARTE EM WILLENDORF	
Carlos Velázquez Alessandra C. Alcântara	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218027	

CAPÍTULO 8	93
DA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988 AO RECONHECIMENTO JURÍDICO E ACESSO CARTORIAL AO CASAMENTO GAY: CAMINHOS E DESCAMINHOS	
Paulo Sérgio da Silva Ana Paula da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218028	
CAPÍTULO 9	104
ECOS DE MEMÓRIA DE UMA ESCOLA CENTENÁRIA	
Tânia Regina da Rocha Unglaub Cleia Demétrio Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5202218029	
CAPÍTULO 10	117
HISTÓRIAS SOBRE JOVENS, REPRESSÃO E CONSUMO DE DROGAS NO BRASIL	
Ana Maria Cardachevski	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180210	
CAPÍTULO 11	134
ÍNDIOS PANKARÁ: ENTRE A SERRA E O RIO. HISTÓRIA, MEMÓRIA E ALTERIDADE	
Alberto Reani	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180211	
CAPÍTULO 12	147
MEMÓRIA E EFEITO DE SENTIDO DA FILIAÇÃO NAS CONSTITUIÇÕES BRASILEIRAS DE 1934 E 1988	
Flávia David Vieira Edvania Gomes da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180212	
CAPÍTULO 13	167
NO VÁCUO DO TEMPO PRESENTE: O PASSADO DO BRASIL ENTRE NARRATIVAS	
Arthur Henrique Lux Lobo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180213	
CAPÍTULO 14	182
O BANCO MEDICI NA ERA DE COSIMO, O VELHO, COMO INSTRUMENTO DE CONSOLIDAÇÃO DO PODER POLÍTICO-ECONÔMICO: A PERSPECTIVA DE MAQUIAVEL E GUICCIARDINI	
Bianca Coradin Benedeti	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180214	
CAPÍTULO 15	189
O TRABALHISMO VARGUISTA ENTRE AS TRINCHEIRAS DA OPOSIÇÃO (1943-1945)	
Juliana Martins Alves	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180215>

CAPÍTULO 16.....201

OS PENSAMENTOS POLÍTICOS DE MICHEL FOUCAULT E NORBERTO BOBBIO
ACERCA DA FUNÇÃO SOCIAL DOS INTELLECTUAIS

Rodrigo Davi Almeida

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180216>

CAPÍTULO 17.....212

POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO E AVALIAÇÃO: POLÍTICAS DE ESTADO OU
POLÍTICAS DE GOVERNO?

Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Silvana Maria Gabaldo Xavier

Giane Aparecida Sales da Silva Mota

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180217>

CAPÍTULO 18.....226

RELATOS DE UMA EXPERIÊNCIA NA PRESERVAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE ACERVOS:
OS ACERVOS TEATRAIS ALOCADOS NA SALA ANTÔNIO MANOEL DE SOUZA
GUERRA CEDOC/UFSJ

Berilo Luigi Deiró Nosella

Fabiana Siqueira Fontana

Isabela Francisconi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180218>

CAPÍTULO 19.....234

TEKOHA: LUGAR DE MEMÓRIA E VIDA

Raul Claudio Lima Falcão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180219>

CAPÍTULO 20.....247

UMA ANÁLISE SOBRE A (NÃO) PARTICIPAÇÃO POPULAR NO PROCESSO DE
TOMBAMENTO

Priscila Angelo Tarabossi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.52022180220>

SOBRE AS ORGANIZADORAS.....259

ÍNDICE REMISSIVO.....260

CAPÍTULO 4

A CONCEPÇÃO DA DOCTRINA REFORMISTA DA IGREJA MEDIEVAL A PARTIR DE ARNALDO DE VILANOVA (SÉCULO XIV)

Data de aceite: 01/02/2022

Nabio Vanutt da Silva

Universidade Estadual de Goiás-UEG
Taquaral de Goiás, Goiás
<http://lattes.cnpq.br/5631027013497077>

RESUMO: O objetivo desse artigo pauta em analisar a doutrina reformista para o catalão Arnaldo de Vilanova (1240-1311) usando como fonte *Super Facto Adventus Antechrist/Confissió de Barcelona* (1305). O autor em estudo teve formação médica, atuando nas cortes régias de Aragão, Pedro III (1276-1285), Afonso III (1285-1291) e Jaime II (1291-1327), além das cortes pontifícias de Bonifácio VIII (1294-1303), Bento XI (1303-1304) e Clemente V (1305-1314). A metodologia empregada para o estudo fora a análise de discurso da obra, dialogando com Nachman Falbel (1977) e outros historiadores para compreender a fonte. A obra composta por Arnaldo tratou de um discurso perante o rei Jaime II, que defendeu suas ideias de reformulação da estrutura da Igreja Medieval, rebatendo os teólogos da Universidade de Sorbonne, principalmente, os dominicanos que acusavam suas ideias de heréticas. Assim, a fonte em estudo reflete uma influência de leituras do autor de Joaquim de Fiore (1312-1202) e dos livros bíblicos de *Daniel*, *Apocalipse* como sustentáculo para criticar a hierarquia do clero, desejava uma igreja espiritual no lugar daquela que considerava material.

PALAVRAS-CHAVE: Arnaldo de Vilanova,

doutrina reformista, igreja, *Super Facto Adventus Antechristi*.

THE CONCEPTION OF THE REFORMIST DOCTRINE OF THE MEDIEVAL CHURCH FROM ARNALDO DE VILANOVA (14TH CENTURY)

ABSTRACT: The aim of this article is to analyze the reformist doctrine for the Catalan Arnaldo de Vilanova (1240-1311) using as a source *Super Facto Adventus Antechrist/Confissió de Barcelona* (1305). The author under study had a medical training, acting in the royal courts of Aragão, Pedro III (1276-1285), Afonso III (1285-1291) and Jaime II (1291-1327), in addition to the pontifical courts of Bonifácio VIII (1294-1303), Bento XI (1303-1304) and Clemente V (1305-1314). The methodology used for the study was the discourse analysis of the work, dialoguing with Nachman Falbel (1977) and other historians to understand the source. The work composed by Arnaldo dealt with a speech before King James II, who defended his ideas of reformulating the structure of the Medieval Church, countering the theologians of the University of Sorbonne, especially the Dominicans who accused his ideas of heretics. Thus, the source under study reflects an influence of readings by the author of Joaquim de Fiore (1312-1202) and the biblical books of *Daniel*, *Apocalypse* as a support to criticize the hierarchy of the clergy, wanted a spiritual church in place of what he considered material.

KEYWORDS: Arnaldo de Vilanova, reformist doctrine, church, *Super Facto Adventus Antechristi*.

1 | INTRODUÇÃO

Esse artigo tem o intuito de compreender a doutrina reformista de Arnaldo de Vilanova (1240-1311) para a Igreja Medieval (Igreja Católica) no século XIV, percebendo as influências de outros autores como Joaquim de Fiore (1135-1202), além da *Sagradas Escrituras* para a composição de seu discurso. Convém salientar que, esta pesquisa também pretende dialogar com Joaquim de Fiore, pois este deu embasamento para o discurso arnaldiano.

Para o entendimento da visão Arnaldiana utilizou-se do imaginário social que tornou objeto de pesquisa com a História Cultural. A metodologia empregada foi a análise do discurso da fonte em estudo: *Super Facto Adventus Antechrist/Confissió de Barcelona (1305)*, traduzido por Nachman Falbel do catalão, escrito original, para a língua portuguesa. Antes pretende-se compreender a noção de imaginário que de acordo com Barros (2004, p. 93) é: “[...] como um sistema ou universo complexo e interativo que abrange a produção e circulação de imagens visuais, mentais e verbais, incorporando sistemas simbólicos, diversificados e atuando na construção de representação diversas”.

Arnaldo de Vilanova nasceu em Valência, reino de Aragão, por volta de 1240, tinha amplo conhecimento de latim e de árabe. No campo da medicina teve bastante prestígio, tendo feito o curso na Escola de Montpellier e depois o aperfeiçoamento na Universidade de Nápoles, em 1270. Escreveu sobre questões religiosas, principalmente, sobre críticas ao clero mesmo não tendo formação em Teologia. Atuou enquanto físico nas cortes régias de Aragão, nos reinados de Pedro III (1276-1286), Afonso III (1285-1291) e Jaime II (1291-1327), e nas cortes pontifícias de Bonifácio VIII (1294-1303) e Clemente V (1305-1314). (PANIAGUA, 1994, p. 1-13; 51-63).

Quanto a questão religiosa Arnaldo interessou-se pela temática, mas não tinha uma formação plena em Teologia, sua visão era laica. Convém tratar que, o local social onde conviveu como a Catalunha e a Provença foram lugares que havia forte dispersão das ideias dos seguidores de Joaquim de Fiore, os joaquimitas, como o caso dos Espirituais Franciscanos. Esse ambiente contribuiu para a permeabilidade da sua visão relacionada com o *Apocalipse* bíblico, a reforma da Igreja Medieval, ainda a própria ideia de Escatologia, além do estudo das obras de Joaquim de Fiore. (PANIAGUA, 1969, p. 56).

O contexto de composição de sua obra fora o momento que consolidava o crescimento urbano, já iniciado no período do século XIII que acarretou numa representação do medo de transformações. Era o momento que o dinheiro circulava com a expansão das feiras pelos mercadores que também buscavam aumentar suas rendas de fato refletindo no enriquecimento do clero através da cobrança de dízimos e venda das indulgências. A Igreja afastava-se do princípio espiritual e seus membros passaram a manter um estilo de vida apegado aos bens materiais, através principalmente da venda de sacramentos que causou críticas de grupos tidos como hereges. Foi nesse recorte temporal que viveu o

físico catalão Arnaldo de Vilanova.

Essas transformações constituíram para Arnaldo um imaginário apocalíptico de uma crise que levaria ao ápice do fim dos tempos. O futuro poderia ser previsto de acordo com as simbologias presentes nas *Sagradas Escrituras*, no caso, o livro do *Apocalipse*, acontecimentos do seu presente como a corrupção do clero era o anúncio da proximidade do juízo final, daquilo que estava por vir. A doutrina que caracteriza isso é a Escatologia que Baschet (2006) pontou como o fim dessa Era com o retorno do Cristo que prepararia o juízo final, presente nos textos bíblicos.

Arnaldo de Vilanova manteve sua crença ao representar nos seus escritos que o mundo chegaria ao fim, mantendo um método de utilização de símbolos do *Apocalipse* como meio de estabelecer uma comunicação que reforçasse o discurso contra a Igreja. A vinda do Anticristo aproximava como sinal diante de um clero materialista, ligado ao dinheiro. O imaginário caracterizado pelo medo de não salvar a alma do cristão tornava esse autor preocupado com o futuro. O autor não estava apreensivo apenas com os aspectos materiais da igreja, mas também com a espiritualidade cristã.

2 | A CRÍTICA À IGREJA MEDIEVAL

A obra em estudo *Super Facto Adventus Antechrist/Confissió de Barcelona (1305)* trata-se de um texto de confissão profético-apocalíptica lida no Palácio Real perante o rei de Aragão, Jaime II, pelo mestre catalão Arnaldo de Vilanova. A confissão foi um discurso elaborado pelo autor para criticar os prelados que questionavam seu posicionamento. Ele utilizou os evangelhos bíblicos como *Daniel*, afirmações do apóstolo São Paulo, o Livro do *Apocalipse*, além de discursos de membros da Igreja como São Metódio, que foi bispo de Olimpia e Tiro, São Cirilo de Constantinopla, a monja Hildegarda. Foram diversos textos bíblicos e revelações de pessoas da Igreja para tratar da crítica as posturas do clero, além de refletir da vinda do Anticristo.

Arnaldo fora influenciado pela *Sagradas Escrituras*, precisamente o livro do *Apocalipse*, além do calabrês Joaquim de Fiore (1135-1202). Joaquim nasceu em Célico, Calábria, por volta do ano de 1160. Atuou como eremita na Terra Santa, contudo em 1177 foi abade no mosteiro de Corazzo, que pertencia à ordem Cisterciense. Logo deixou o cargo de abade e eremita, surgiu a necessidade de em *San Giovanni in Fiore* fundar a Ordem Florense, sendo a regra aprovada pelo sumo pontífice Celestino III em 1196. Entretanto, foi julgado e condenado pela Ordem Cisterciense pelo rompimento da estabilidade enquanto era abade de Corazzo, teve o apoio do papa que decretou nula tal decisão contra Joaquim de Fiore. Veio a morrer em 1202 e foi sepultado no convento de São Martinho, em Pietralata. (FALBEL, 1995, p. 51).

Joaquim de Fiore discutiu a ideia de Trindade que constituía um roteiro de salvação em forma de etapas, que encontra semelhança na fonte em estudo *Super Facto Adventus*

Antechrist/Confissió de Barcelona (1305). De acordo com Falbel (1995, p. 60) a Trindade de Joaquim fora uma forma de dividir três Idades da cultura cristã. A Idade do Pai que a humanidade viveu de acordo com a carne, no tempo da Lei no Velho Testamento, tempo dos desposados e leigos. A Idade do Filho, tempo da Graça, presente no Novo Testamento os homens viveram uma mediação entre o espírito e a carne com a presença dos clérigos. A última Idade seria do Espírito Santo, reino do amor, com a predominância do Evangelho Eterno superior ao Velho e o Novo, surgiria a Igreja Espiritual com o fundamento da ordem monástica assumindo a posição da Igreja corrompida.

Percebe-se que Joaquim de Fiore recorreu a narrativa bíblica como forma de situar num imaginário de salvação projetando um futuro onde reinaria a paz, isso é característica da tentativa de suplantar o sofrimento do momento. De acordo com Delumeau (2009, p. 306), Joaquim de Fiore reforçou a ideia de um mundo que traria a santidade, paz com a humanidade praticando a pobreza evangélica. A cada Idade aproximaria para o calabrês, a vinda do Anticristo. Franco Júnior (1999, p. 46) tratou que a associação ao Anticristo aparecia para os autores do período medieval em momentos de crises, medos, perigos e estava relacionado ao outro (inimigo).

A Trindade de Fiore encontrou ressonância também na obra de Arnaldo de Vilanova que apresentou os sete tempos com base no Livro do *Apocalipse*, com destaque ao Anticristo. Para ele:

A revelação do Apocalipse nos quais diz claramente que o Anticristo reinará pessoalmente no tempo da Igreja temporal. Em cuja revelação se declara que o primeiro tempo da Igreja de nosso Senhor Jesus Cristo foi o tempo no qual floresceram os apóstolos; o segundo depois, foi aquele no qual floresceram os mártires; o terceiro foi aquele em que floresceram os eremitas; o quinto foi aquele em que floresceram, principalmente, os monges que renunciaram ao bem próprio, mas não ao comum; o sexto tempo é aquele em que principalmente renunciaram ao próprio e ao comum, assim como começam São Domingos e São Francisco; o sétimo tempo da Igreja será aquele que se seguirá após a morte do Anticristo. Digo, pois, que como a revelação do Apocalipse declara que o Anticristo reinará no VI tempo da Igreja, é certo que agora estamos naquele tempo, e é certo que o tempo daquele inimigo está próximo. (ARNALDO DE VILANO NOVA, 1305, p.281)

Convém dizer que para o homem medieval, permeado pela cultura cristã havia sempre o medo do fim do mundo e os símbolos (Anticristo, Besta) do *Apocalipse*, composto num tempo histórico de perseguição dos cristãos pelo imperador romano Domiciano (51-96 D.C), por volta da segunda metade do século I, estavam sempre presentes no imaginário social. De acordo com Croatto (2001, p. 90) o símbolo trata do sentido, conhecido, sendo uma realidade que remeta ao transcendente. O Anticristo no século XIV presente na obra de Arnaldo remonta à ligação com clérigos corruptos, nesse sentido, a palavra está associada ao inimigo concreto e ao outro no sentido figurado, metafórico.

De acordo com Falbel (1995, p. 66) as ideias de Joaquim de Fiore sobre a terceira

Idade do Espírito Santo com a renovação da Igreja foi base para fundamentar a crítica a igreja hierárquica pelos joaquimitas. O imaginário medieval sobre o fim dos tempos estava associado a influência da narrativa bíblica que estava representava nas imagens das igrejas, como a figura do fim do mundo, o símbolo da besta.

Na obra Arnaldo de Vilanova criticou a Igreja fazendo associação com o símbolo apocalíptico:

E destes fala o senhor no Apocalipse, especialmente em dois lugares. Em um os compara à besta que subia da terra, segundo se declara no “Livro do falsos religiosos”. E disse assim que enganarão ao povo dos cristãos, por isso, aparecerão com dois cornos de anjo, isto é, as duas excelências e perfeições do Nosso Senhor Jesus Cristo, isto é, santidade de vida e o saber da verdade de Deus. Assim, com esta aparência e semelhança, terão autoridade de falar entre o povo, o qual acreditará neles, os revenciará e os tenderá, pensando e crendo que estas duas perfeições de Jesus Cristo estarão neles; as quais mostrarão aparente, no entanto, por todas partes será conhecida sua falsidade e iniquidade. (ARNALDO DE VILANO NOVA, 1305, p.283-284).

De acordo com Franco Junior (1999, p. 42-43) o Anticristo, a besta na visão cristã desempenhariam papel similar ao de Cristo. Tem-se uma adaptação e mesmo inversão na figura daqueles enganadores que repetiriam o que o Messias fez na terra como curas, milagres recebendo credibilidade do povo. Essa imagem do personagem sobrenatural no *Apocalipse* estava presente no imaginário popular que representava o contexto social do século XIV, os falsos religiosos seriam os prelados corrompidos que não preocupavam com o ensino da doutrina do Cristo, sendo seguidores do Anticristo.

No texto *Super Facto Adventus Antechrist/Confissió de Barcelona (1305)* deixou claro que era importante saber a data que o Anticristo viria antes da Parusia, que referia ao retorno do próprio Cristo. Ele entendia que seria possível datar o tempo cronológico para o inimigo do Cristo. Sendo assim, mencionou o livro de Daniel que falou de 1290 dias, que traduziu para anos, citando a visão que o Espírito Santo trocava dias por anos.

Antes de prosseguir o estudo deve-se compreender a figura simbólica do Anticristo, que de acordo com Franco Júnior (1999, p. 43-46), o Anticristo seria o oposto de Cristo, mas desenvolveria papel semelhante. Nasceria de uma virgem, filho do próprio Diabo, não de forma natural, mas similar ao Espírito Santo que concebeu sobre Maria presente na narrativa bíblica. Seu lugar de nascimento seria a Babilônia, viveria em Betsaida e Carazin, lugares rejeitados pelo filho de Deus. Sendo judeu, a imagem social seria que trataria do próprio Messias que converteria muitos, mas depois seria morto pelo arcanjo Miguel. Essa visão medieval do Anticristo ser judeu, revela o imaginário social da época no século XIV, de ver este como inimigo social, que também permeia nos escritos do próprio Arnaldo, como de Joaquim de Fiore.

Arnaldo de Vilanova teve influência do próprio Joaquim de Fiore que precisou também que a Era do Espírito Santo com a vinda do Anticristo aconteceria em torno de 1260

(LE GOFF, 1996, p.352). Na obra *Super Facto Adventus Antechrist/Confissió de Barcelona (1305)*, continua falando da revelação de São Metódio, que fala em 1000 anos. São Cirilo falou que a Anticristo apareceria na datação próxima de alguns papas. Além da santa monja Hildegarda que escreveu sobre estilos proféticos. O livro do *Apocalipse* traz a imagem da besta com natureza simbólica relacionada aqueles prelados, falsos religiosos, que tinham aparência de serem cristãos, mas na realidade seriam enganadores do povo, praticantes do pecado. E ainda remontou a visão dos gafanhotos que na Escatologia teriam papel de feras que perseguiriam os homens e escureceriam o Sol. Tentou mostrar a associação aos líderes da Igreja que se apropriavam dos bens materiais e falseariam a verdade da doutrina de Cristo, sendo igual aos gafanhotos. Teriam vocação pelos prazeres da carne, aquilo que satisfaz a si próprio. Esse imaginário apocalíptico estava presente na visão do catalão que era associado a um tempo histórico de perseguição dos cristãos pelo Império Romano, mas foi ressignificado com a situação de um clero preocupado mais em viver o presente do que com a salvação dos fiéis.

No livro bíblico de II Tessalonicenses, Arnaldo de Vilanova citou o apóstolo São Paulo nas passagens bíblicas para denunciar os vícios do clero como nas *Sagradas Escrituras*. Estes estavam preocupados com a cobiça da riqueza, mantendo aparência cristã, mas na realidade eram transgressores do Evangelho. Os clérigos estavam corrompendo a comunidade cristã espalhando as iniquidades do Anticristo. De acordo com Falbel (1977, p. 172) o mestre catalão mantinha um imaginário de uma sociedade ideal em que a figura do Anticristo, seria o motivo para a redenção da Igreja pecaminosa, para que esta passasse por uma transformação que voltasse a ser simples, sem hierarquias, defendendo o Evangelho. Os planos de uma doutrina reformista dos eclesiásticos estavam associados a visão Apocalíptica de que no futuro, não distante, o Anticristo viria sendo o sinal de uma etapa decisiva para a comunidade cristã, com o fim das dores nascendo a Igreja do Evangelho Eterno.

Essa imagem futurística de tentar fugir de uma realidade que estava vivendo, Arnaldo de Vilanova tornou importante por revelar um imaginário de um período de crise da Baixa Idade Média, em que o feudalismo não correspondia ao novo momento econômico que surgia. De acordo com Le Goff (1996, p. 346) ao pensar no fim dos tempos para superar as crises do presente, afirma:

No conjunto desta literatura vemos o céu tornar-se cada vez mais o objetivo essencial e acentuar-se a oposição entre dois séculos: o presente, cheio de males e provações, e o futuro, renovação do paraíso original. O mundo presente pertence a Satã. O mundo futuro pertencerá a Deus. [...] Como, para ele, “mil anos são como um dia”, daí decorre a existência de Idades de Mil anos, em que o último será o reino dos justos com Deus. (grifo do autor).

Convém dizer que, a visão de precisar o momento da chegada do Anticristo, fez com que Arnaldo contrapusesse ao discurso oficial da Igreja, de que não poderia conhecer

tal data. A ideia do clero era basicamente ofuscar essa discussão pelo medo de enfrentar o questionamento de seu poder político. Em sua obra Arnaldo de Vilanova cita em vários momentos esse discurso dos clérigos, mostrando que houve uma tentativa de silenciá-lo ao condenar suas obras. É importante salientar que ele encontrou em doutrinas escatológicas um meio de criticar a Igreja Romana, ligando-a de discípula do Anticristo. Franco Júnior (1999, p. 46) tratou que o Anticristo, ser simbólico do *Apocalipse*, era relacionado ao outro, aquele inimigo de um grupo, nesse caso, o mestre catalão utilizou esse recurso como forma de criticar um clero corrompido pela posse de bens.

Analisando mais uma vez a obra *Super Facto Adventus Antechristi/Confissió de Barcelona* (1305) Arnaldo de Vilanova deixa claro que teria um papel profético sobre eventos que aconteceriam no futuro. É a ideia da esperança que move o autor a pensar que no amanhã haveria um novo mundo no estilo paradisíaco, com uma Igreja provedora do amor de Cristo, e que os sofrimentos dos fiéis seriam superados. Nisso era preciso estar atento aos sinais de que esse momento da chegada Anticristo seria decisivo para a purificação da Igreja.

No livro do *Apocalipse* os símbolos do Anticristo, a Besta eram vistos por Arnaldo no sentido imaginário de pensar um mundo de feras que ameaçariam a doutrina cristã, mas esse medo seria ideal para a união da comunidade cristã. O mestre catalão acreditava que o desprezo pela doutrina de Cristo e a corrupção da igreja eram indícios de que estava próximo o tempo do Anticristo. É relevante entender esse contexto social de Arnaldo que estava presente no seu imaginário, claro esta mística apocalíptica era reformulada durante a crise do sistema feudal, diante de uma sociedade urbana que havia acumulado riquezas, a Igreja estava nesse universo de também desvinculada do papel espiritual, voltando para uma vida de apego às riquezas. Arnaldo buscou na simbologia escatológica uma maneira de expor sua visão de que a Igreja não deveria ausentar-se do papel de representante do Cristo na Terra.

De acordo com Töpfer (2002, p. 344), essa noção de Juízo Final era comum na Idade Média quando:

A perspectiva da vinda do Anticristo, figura central do evento escatológico, só poderia estimular a interpretação de catástrofes naturais, de epidemias, de desordens duradoras devidas à guerra, e também de situações sociais ou religiosas intoleráveis, como signos de sua vinda próxima e, portanto, do fim do mundo que o sucederia.

Arnaldo atribuiu também aos falsos doutores, no caso dos Dominicanos de Sorbonne, o papel de seguidores do Anticristo, pelo fato de negarem a verdade evangélica que de certa forma ameaçava a salvação do povo cristão. Convém tratar que os Dominicanos condenaram diversas obras dele, além de impedi-lo de dar aulas na Universidade de Sorbonne. Sua crítica dirige-se no sentido que o grupo era fechado em suas ideias, e nem aceitando nada fora de sua visão, e nenhuma a verdade dos Evangelhos pelo medo de

perderem sua posição social. É importante salientar que a crítica aos dominicanos era no sentido de afirmarem os ensinamentos cristãos, mas eles próprios não seguiam. Daí foram tidos como próximos com o inimigo de Cristo, que ao praticarem seus atos pecaminosos tornavam a Igreja vulnerável para a vinda do inimigo da cristandade.

Na fonte *Super Facto Adventus Antechrist/Confissió de Barcelona* (1305) a Arnaldo fez críticas aos dominicanos de forma indireta quando disse:

Por todas essas perversidades, na revelação de São Cirilo, nosso senhor dá a doutrina para conhecer com certeza os falsos religiosos deste tempo, e para melhor conhecê-los diz expressamente as cores preto e branco ou outras cores, segundo já me referi a este respeito no final do livro que escrevi contra os thomatistas.

Convém tratar que, as cores citadas na citação acima, o preto e branco das vestimentas, referem aos dominicanos. Ele utilizou uma profecia de São Cirilo para criticar aqueles seus inimigos. Convém tratar que Arnaldo de Vilanova tinha simpatia pela Ordem Dominicana, de São Domingos (1170-1221), tanto que na sua sexta Idade de recorte da história da Igreja, deu lhes destaque como o caso de São Francisco de Assis (1181? -1226). Nesse sentido, atribuiu um papel primordial na Ordem dos Pregadores ao levar a verdade Cristo a lugares tão distantes. Os dominicanos de Paris que seriam seus inimigos pelo fato de criticarem seu posicionamento considerando-o herético.

A visão de Arnaldo em relação aos dominicanos era de proximidade antes dos embates em Paris, que houve troca de acusações de ambos os lados sobre a questão da crítica a igreja. Depois que Arnaldo de Vilanova interessou por Joaquim de Fiore, que foi base para o movimento herege dos Espiritualistas Franciscanos. Joaquim fez críticas as formas corruptas do clero que o mestre catalão identificou como ideal para fundamentar seu discurso contra os dominicanos de Sorbonne.

Arnaldo de Vilanova foi um defensor da fé cristã e manteve uma postura crítica contra aqueles que desviaram da proposta do Cristo, com o apego aos bens materiais, desvinculando-se de uma doutrina espiritual.

Ao criticar os teólogos de seu tempo atacou o literalismo na interpretação das Escrituras Sagradas e que foi aplicado pelos teólogos de Sorbonne para rechaçar as suas profecias. Como todo místico da corrente joaquimita-oliviana ele tende a adotar exegética de tipo alegórica e inteiramente livre permitindo dar asas fantásticas a imaginação na procura de sentidos esotéricos mais profundos do texto bíblico. Sob o ponto de vista histórico também aqui Arnaldo permanece como um conservador, pois já seu tempo os estudos bíblicos caminhavam a passos largos em direção a uma exegética mais rigorosa [...] Falbel (1977, p. 182).

Arnaldo foi um visionário que acreditava num papel espiritual de pregar uma doutrina rigorosa que não fosse aquela da Igreja hierárquica, que estava imersa em corrupção. A ideia era a volta aos princípios do Cristianismo com posturas semelhantes dos primeiros apóstolos da Igreja Primitiva, onde havia uma direção de comunicação com Deus, sem a

interseção da Igreja. Essas ideias representavam uma ameaça a estrutura do clero que utilizou de inúmeros instrumentos de perseguição, como em 1316 no Tribunal de Terragona condenou boa parte das obras de Arnaldo considerando – as heréticas. (SANTI, 1987, p. 283).

Com base em Falbel (1977, p. 172), Arnaldo de Vilanova acreditava que com a vinda do Anticristo os eclesiásticos arrependeriam de seus atos, o momento seria decisivo para a Igreja significando um novo tempo de purificação, da Igreja material nasceria a espiritual. O sofrimento da sociedade caminharia para o fim. O mestre catalão faleceu em 6 de setembro de 1311 durante a viagem de barco a caminho de Avinhão, na costa de Gênova (Itália).

3 | CONCLUSÃO

Diante de tudo que foi exposto, através da análise da fonte *Super Facto Adventus Antechrist/Confissió de Barcelona* (1305) do século XIV, é plausível salientar que Arnaldo de Vilanova pensava no fim do mundo e a chegada do Anticristo como meio de fazer com que a igreja fosse reformada. Um clero que ao longo do período acumulou riquezas e fora duramente questionado. Há uma visão de esperança na escatologia do fim dos sofrimentos, dores. Para ele o Anticristo é remetido de forma simbólica ao outro, aquele que estava envolvido nos vícios dos prazeres materiais.

Arnaldo criticou o clero apegado às riquezas e teve a preocupação em assumir o papel de profeta que pregasse pela purificação eclesiástica a fim de estabelecer a caridade entre as pessoas, porque disso faria uma nova religião, para isso, acreditava que deveria resguardar dos dias piores que estavam vindo antes da chegada deste Anticristo.

REFERÊNCIAS

FONTE IMPRESSA

ARNALDO DE VILANO NOVA. *Super Facto Adventus Antechrist/Confissió de Barcelona* (1305). Tradução de Nachman Falbel. In: FALBEL, Nachman. **Arnaldo de Vilanova, sua doutrina reformista e sua concepção escatológica**. 1977. Tese (Livre-Docência em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977. p.251-298.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. *História do Imaginário*. In: BARROS, José D' Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: do ano mil a colonização da América**. São Paulo: Globo, 2006, p. 324.

CROATTO, José Severino. A descrição do símbolo. In: CROATTO, José Severino. **As linguagens da experiência religiosa**. São Paulo: Paulinas, 2001.p. 81-128.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no Ocidente 1300-1800**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FALBEL, Nachman. **Arnaldo de Vilanova, sua doutrina reformista e sua concepção escatológica**. 1977. Tese (Livre-Docência em História) – Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

FALBEL, Nachman. **Os espirituais franciscanos**. São Paulo: Perspectiva: FAPESP: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **O ano 1000: tempo de medo ou de esperança?** São Paulo: Companhia das letras, 1999.

LE GOFF, Jacques. Escatologia. In: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996. p. 325-374.

PANIAGUA, Juan A. **El maestro Arnau de Vilanova, médico**. 2 ed. Valência, Catédra e Instituto de Historia de la Medicina, 1969. p. 93. p. 1-93.

PANIAGUA, Juan A. **Studia Arnaldina**: Trabajos en torno a la obra médica de Arnau de Vilanova, c. 1240-1311. Fundación Uriach: Barcelona, 1994.

SANTI, Francesco. **Arnau de Vilanova: L'obra espiritual**. Traducció Roser Berdagué. História I Societat /5. Diputació Provincial de Valência. Espanya, 1987.

TÖPFER, Bernhard. Escatologia e milenarismo. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMIT, Jean Claude (Orgs.). **Dicionário temático do ocidente medieval**. São Paulo: EDUSC, 2002. Vol. 1, p.353-366.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Arnaldo de Vilanova 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55

B

Brasil Império 1

C

Camboja 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64

Casamento gay 93

Cooperativização 56, 57, 62, 63, 64

Cultura escolar 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115

Cultura política 1

D

Direitos 38, 70, 74, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 121, 127, 134, 146, 148, 151, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 190, 191, 192, 193, 194, 197, 199, 213, 218, 245, 247, 248, 249, 252, 257

Doutrina reformista 46, 47, 51, 54, 55

E

Educação 25, 26, 28, 29, 37, 39, 40, 67, 68, 69, 71, 74, 75, 76, 81, 91, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 115, 118, 119, 120, 121, 122, 132, 140, 145, 148, 151, 152, 154, 155, 157, 162, 163, 189, 212, 213, 214, 215, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 225, 245, 247, 252, 256, 257, 259

Ensino integrado 67

Extensão 40, 60, 67, 83, 95, 98, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 119, 124, 197, 212, 213, 222

G

Garantias fundamentais 93, 95, 102

H

História 4, 10, 19, 25, 26, 27, 30, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 53, 54, 55, 56, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 75, 76, 78, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 104, 107, 109, 110, 111, 112, 114, 115, 118, 121, 125, 131, 132, 134, 135, 136, 137, 141, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 151, 166, 167, 170, 171, 173, 174, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 185, 186, 187, 189, 199, 200, 201, 202, 207, 210, 226, 227, 228, 231, 233, 234, 241, 242, 245, 246, 248, 249, 253, 259

História da arte 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 90, 91

História indígena 134

Historiografia 60, 67, 68, 104, 107, 108, 115, 155, 169, 171, 172, 175, 176, 177, 180, 186, 226

Homossexuais 93, 94, 95, 97, 98, 100, 103

I

Identidade 17, 22, 71, 77, 93, 96, 99, 102, 108, 110, 111, 112, 134, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 150, 221, 236, 237, 240, 242, 243, 249

Igreja 17, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 103, 121, 183, 184, 187

Indissociabilidade entre ensino 104, 105, 107

K

Khmer vermelho 56, 57, 58, 62, 64, 65

L

Legislação 25, 26, 27, 28, 30, 31, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 126, 131, 163, 191, 193, 195, 196, 215, 216, 250

Liberdade sexual 93, 102

M

Memória 17, 20, 42, 44, 55, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 134, 135, 144, 145, 147, 148, 150, 151, 153, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 164, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 175, 176, 177, 179, 180, 181, 200, 222, 226, 233, 234, 238, 242, 245, 246, 247, 248, 249, 251, 253, 257

P

Partido Comunista do Kampuchea 56, 57, 58, 63

Pensamento mítico 80, 84, 85

Pernambuco 1, 2, 3, 6, 7, 9, 10, 34, 39, 41, 119, 120, 133, 134, 135, 137, 140, 145

Pesquisa 26, 27, 43, 45, 47, 67, 69, 74, 75, 77, 78, 80, 86, 93, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 114, 115, 125, 130, 140, 147, 149, 164, 177, 190, 202, 204, 205, 206, 212, 222, 226, 227, 229, 232, 233, 235, 247, 248

Política 1, 6, 13, 21, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 59, 60, 61, 62, 63, 69, 70, 71, 72, 94, 110, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 131, 132, 135, 142, 145, 151, 152, 166, 169, 174, 175, 176, 179, 180, 183, 185, 186, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 203, 206, 207, 208, 209, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 227, 237, 238, 241, 249, 250, 251, 252, 257

Pol Pot 56, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Povo Pankará 134, 145

Práticas educativas 104, 107

R

Racionalismo 80, 84, 89

Regência 1, 6, 7, 212

Resistência 9, 35, 67, 68, 69, 73, 120, 122, 123, 131, 134, 135, 139, 145, 169, 191, 234, 243, 244, 251, 255, 256, 257

S

Sociedade 6, 18, 22, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 35, 36, 37, 39, 40, 51, 52, 54, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 65, 69, 70, 71, 74, 77, 82, 91, 93, 94, 95, 98, 101, 102, 106, 107, 109, 111, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 127, 128, 131, 144, 151, 153, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 164, 165, 173, 187, 191, 198, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 217, 221, 222, 223, 224, 225, 230, 232, 235, 240, 244, 249, 252, 255

Super Facto Adventus Antechristi 46

U

União estável 93, 94, 95, 97, 98, 100, 101

V

Vênus de Willendorf 80, 85, 86, 87, 88

História e Política:

Pensamentos
constitutivos
e críticos



2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022

História e Política:

**Pensamentos
constitutivos
e críticos**



2

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora
Ano 2022